

Práticas ortográficas em inícios do século XIX: a ortografia portuguesa na *Gazeta de Lisboa* (1815) e na *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* (1822)

Susana Fontes

Centro de Estudos em Letras
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
sfontes@utad.pt

Sónia Coelho

Centro de Estudos em Letras
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
ccoelho@utad.pt

Rolf Kemmler

Centro de Estudos em Letras
Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
kemmler@utad.pt

Resumo

Desde os inícios da codificação metalinguística da língua portuguesa, a história da ortografia portuguesa ficou marcada pela oscilação permanente entre duas vertentes: a fonética e a etimológica, o que levou os autores a enveredar por caminhos divergentes, acabando, consequentemente, por criar alguma instabilidade ortográfica (cf. Kemmler 2001, Gonçalves 2003).

Neste artigo, recorremos ao periódico *Gazeta de Lisboa* de 1815 e à *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, publicada postumamente em 1822, para constituir um corpus de trabalho com cerca de 2000 páginas, representativo do estado da língua no início da centúria oitocentista.

Neste sentido, tendo por base as duas tipologias textuais distintas (um texto jornalístico e um texto metalinguístico, ou seja, uma gramática), pretendemos refletir sobre a ortografia neste período, uma vez que a leitura dos textos, desde logo, nos permitiu confirmar a existência de uma instabilidade ortográfica. Com efeito, propomo-nos apresentar a análise de alguns exemplos que comprovam a natureza e o grau desta inconstância que se observa nos textos em causa.

Palavras-Chave: *Gazeta de Lisboa* (1815), *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* (1822); Ortografia

Abstract

Since the beginning of the metalinguistic codification of the Portuguese language, the history of the Portuguese orthography was characterized by the permanent oscillation between two strands: the phonetic and etymological, leading the authors to divergent paths and consequently creating orthographic instability (cf. Kemmler 2001, Gonçalves 2003).

In this paper, we used the newspaper *Gazeta de Lisboa* (1815) and the *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*, published posthumously in 1822, to create a corpus of work with about 2000 pages, which is representative of the state of the language in the early nineteenth century.

Therefore, considering these two different text types (a journalistic text and a metalinguistic text, i.e., a grammar), we intend to reflect on the orthography of this period, since the reading of the texts allowed us to confirm the existence of a clear orthographic instability. Indeed, we propose to analyse some examples that demonstrate the nature and extent of this inconstancy that is observed in the texts concerned.

Keywords: *Gazeta de Lisboa* (1815), *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa* (1822); Orthography

Introdução

No dealbar do século XVIII, depois de um período árido em termos de produção jornalística, é publicada a *Gazeta de Lisboa*, em 1715, com o título de *Notícias do Estado do Mundo*, sendo apenas nos números seguintes que recebe a denominação de *Gazeta de Lisboa*.

Este periódico vai sofrer alterações nos diferentes títulos que apresenta ao longo da sua história. Depois de se assumir enquanto *Gazeta de Lisboa*, adotou outras designações, como *Lisboa*, *Diário do Governo*, *Diário da Regência*, *Crónica Constitucional de Lisboa*, *Gazeta Oficial do Governo*, *Gazeta do Governo*, *Diário de Lisboa* (cf. Tengarrinha 1989: 265-266).

Esta publicação começa por ser semanal, no entanto, no século XIX, um contexto político agitado, marcado pelas invasões francesas, exigia intervalos ainda mais curtos entre as publicações, de forma a satisfazer a curiosidade crescente do público, sendo em 1809 que a *Gazeta de Lisboa* adquire a periodicidade diária. Neste sentido, em 1815, período que temos sob escopo neste artigo, a gazeta chega aos seus leitores diariamente.

Em 1822, é dada à estampa, pela Academia Real das Ciências, a gramática que representa o expoente máximo da Gramática Geral em Portugal, a *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem*, obra póstuma da autoria de Jerónimo Soares Barbosa,¹ por largo tempo esquecida e incompreendida.² Ainda que a publicação tenha surgido apenas após a morte do autor, a redação da *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa* terá sido, no entanto, bastante anterior, como leva a crer a informação incluída no final do texto introdutório à gramática a partir da quarta edição: “Coimbra, 24 de junho de 1803” (Barbosa 1862: XVI). Ademais, no catálogo apenso à obra *As duas Linguas* (1807), é

¹ Filho de Manuel Freire de S. Lázaro e de Violante Rosa Soares, Jerónimo Soares Barbosa nasceu em Ansião, em finais de janeiro de 1737, e faleceu a 5 de janeiro de 1816, em São João de Almedina, Coimbra.

² Durante um largo período de tempo, que se circunscreve entre a data da última edição, 1881, e a segunda metade do século XX, a *Grammatica Philosophica* ficou esquecida, facto que está associado ao eclodir de novas correntes linguísticas, nomeadamente da corrente histórico-comparativa, dada a conhecer em Portugal por Francisco Adolfo Coelho.

referida uma obra manuscrita (“Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa 4. Vol. 8.” (Barbosa 1807: [II])) que Kemmler, Assunção e Fernandes (2009: 208), tendo por base elementos de documentação arquivística encontrados, dizem corresponder “[...] à obra publicada em 1822”.

O seu autor foi um homem afinado com o seu tempo e, como profundo conhecedor das letras, representa o expoente máximo da influência das luzes na gramática em Portugal. Na Introdução à obra mencionada, traçando um percurso da gramática, desde as suas origens até ao momento em que escreve, Soares Barbosa censura as gramáticas que aplicam servilmente o modelo latino, sem atenderem às características das línguas vulgares e aplaude aqueles que rompem com as amarras da tradição.

Esta obra teve, durante o século XIX, sete edições (1822, 1830, 1862, 1866, 1871, 1875, 1881), todas elas publicadas sob a chancela da Academia das Ciências de Lisboa.

No presente trabalho, recorrendo à primeira edição da *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*, de 1822, e à *Gazeta de Lisboa*, de 1815,³ dois textos coetâneos e de tipologias distintas, é nosso intento analisar e discutir alguns aspetos ortográficos que caracterizam os textos, verificando semelhanças e dissemelhanças entre os mesmos. Nesta análise, a partir da qual nos será permitido concluir acerca de alguns aspetos que caracterizavam a ortografia no início do século XIX, socorrer-nos-emos da visão de Jerónimo Soares Barbosa, que dedica o II livro da sua gramática à ortografia, e de alguns ortógrafos da época, principalmente de João de Morais Madureira Feijó, autor da *Orthographia, ou Arte de Escrever, e Pronunciar com acerto a Lingua Portuguesa* (1734),⁴ obra que maior influência teve no ideário ortográfico deste período.

Os aspetos que nos propusemos tratar exemplificam casos de instabilidade ortográfica, para os quais não havia uma solução única e consensual, de que são exemplo o uso dos grafemas <s> e <z> com valor de [z], a utilização do <h> e o ditongo nasal [ẽw].

1. Grafemas <s> e <z> com valor de [z]

O grafema <s>, em posição intervocálica, adquire o valor de [z]. Ora, a representação desta sibilante levanta problemas, uma vez que na escrita pode recorrer-se aos grafemas <s> e <z> para representar este som [z] e as opções vão ser muitas vezes diferentes, originando maior instabilidade.

De acordo com Soares Barbosa, nas palavras oriundas do latim, é a etimologia que determina a grafia a adotar. Por essa razão, o gramático critica o

³ A partir deste momento, passaremos a designar estas obras pelas suas iniciais: *GPLP* e *GL*.

⁴ Neste artigo, usaremos a 3ª edição, de 1781, por se tratar da primeira edição póstuma, a partir da qual se registaram as principais alterações.

uso da letra <z> em vocábulos que não o contenham na sua origem, de que são exemplo as palavras oxítonas terminadas em <z>:

O escrever com Z as finais agudas do Singular, como: *Fáz, Fêz, Fiz, Capáz, Capúz, Feliz, Retróz* e outras semelhantes pela razão da maior facilidade na formação dos plurais dos nomes, he desamparar a regra da derivação por uma razão frívola. Nenhuma destas palavras tem no Latim Z no fim, mas ou X, ou S, ou T. O S final, ficando nos plurais destes nomes entre vogais, pronuncia-se como Z segundo a analogia Latina. As vogais finais accentuadas ficam sendo sinal próprio para mostrar a sua agudeza; e ha muitas palavras de semelhantes finais agudas, que nem por isso escrevemos com Z, como *Pés, Dés, Sés, Três, Vés, Más, Aliás*. Seria por tanto mais coerente o escrever *Fás, Fês, Fís, Capás, Capús, Felís, Retrós* (Barbosa 1822: 75).

A grafia destas palavras é uma questão para a qual o próprio gramático apresenta diferentes soluções na obra, gerando-se, por um lado, uma incoerência no seu discurso e evidenciando, por outro lado, o peso da tradição neste domínio, como se pode ver no parágrafo dedicado às terminações dos adjetivos, em que, reportando-se àqueles que têm uma só terminação, o gramático apresenta os adjetivos “[...] acabados em *ar, az, iz, oz*, como *Exemplar, Capaz, Feliz, Veloz* [...]” (Barbosa 1822: 187-188). Desta forma, os exemplos *capaz* e *feliz*, acima usados para ilustrar as palavras que deviam ter <s> no final e não <z> porque em latim também não o tinham (> CAPAX, FELIX),⁵ estão neste passo a ilustrar as terminações em <az> e <ez>. Com efeito, ainda que o autor proponha a sua escrita com <s>, neste caso, o uso comum acaba por prevalecer, pois na obra é com <z> que estas formas surgem grafadas e não com <s>, como provam os exemplos que se seguem e o número das suas ocorrências: *capaz* (7) / *capás* (1), *capuz* (2) / *capús* (1), *faz* (121) / *fás* (1), *feliz* (15) / *felís* (1), *fez* (32) / *fês* (1), *fiz* (4) / *fís* (1), *luz* (9) / *lús* (1), *vez* (27) / *vês* (2).⁶

Este mesmo uso comum também se verifica no texto jornalístico em análise, a *GL*, onde encontramos todas estas palavras grafadas apenas com <z>.

Estes vocábulos que Soares Barbosa diz deverem-se grafar com <s> encontram-se nas listas de palavras que terminam em <z> apresentadas por Feijó (cf. 1781: 107-108). Também Lima, que dedica um suplemento à letra <z>, depois de provar a necessidade desta letra na língua portuguesa, apresenta-a como a terminação a adotar em determinados nomes oxítonos de uma ou mais

⁵ Na verdade, estas palavras grafam-se com <z> e não com <s> porque as palavras latinas que continham <c> ou <t> passam a escrever-se no português com <z>, como nos indicam, por exemplo, os ortógrafos Carlos Augusto de Figueiredo Vieira (cf. 1844: 54) e Tristão da Cunha Portugal (cf. 1856: 49). Atualmente, a base da regra é a mesma, contudo foi aperfeiçoada pelos frutos da linguística histórico-comparativa: “2. Lat. *c* seguido de *e* ou *i* finais se tornou port. *z*, o qual se tornou final pela apócope do *e* ou *i*: *facit* > *faze* > *faz*; *uicem* > *vez*; *fēcī* > *fiz*” (Williams 1991: 102).

⁶ Note-se que as ocorrências com <s> verificam-se quase exclusivamente nas citações acima apresentadas, estando sempre associadas à ilustração que o autor faz das suas propostas.

sílabas e nas terminações de alguns verbos (cf. Lima 1736: 215-216), em que encontramos, de igual modo, os exemplos acima elencados pelo gramático.

Relativamente aos substantivos femininos acabados em <eza>, Feijó considera que estes devem ser grafados com <z>: “Dizem mais, que escreveremos com o Z os nomes appellativos femininos de similhante terminação, assim no singular, como no plural: *Avareza, Belleza, Dureza, Esperteza, Fraqueza, Grandeza, etc.*” (Feijó 1781: 104).

Tendo em conta esta regra, são vários os exemplos que surgem no corpus, dos quais destacamos *alteza, pobreza, pureza, nobreza, fortaleza, pureza, princeza*.⁷

Assim, no que respeita ao uso das grafias <s> e <z> para representar o som [z], nos textos estudados assistimos a diferentes opções, que passamos a dividir em cinco grupos: um primeiro em que se encaixam palavras que nos dois textos se grafam apenas com <s> ou apenas com <z>; no segundo grupo temos palavras que apresentam uma só forma (<s> ou <z>) na GL e apresentam oscilação na GPLP; no terceiro grupo encontramos palavras em que existe oscilação na GL e apenas uma só forma (<s> ou <z>) na GPLP; no quarto grupo encaixam-se palavras que apresentam <z> na GPLP e que passam maioritariamente a grafar-se com <s> na GL; e, por fim, no último grupo enquadram-se as palavras em que existe variação na sua grafia dentro do mesmo texto, surgindo grafadas ora com <s> ora com <z>.

Passemos à sistematização em tabela do uso dos grafemas <s> e <z> com valor de [z] nas edições.

	GL e GPLP
Palavras que apresentam <s> nos dois textos	<i>acaso, analysar, apresentar, casos, casualidade, causa, colisão, composição</i>
Palavras que apresentam <z> nos dois textos	<i>alteza, armazem, azeite, azul, certeza, dizer, fazer fortaleza, nobreza, pureza, riquezas</i>
Palavras que apresentam uma só forma na GL e apresentam oscilação na GPLP	<i>Empresa - empreza/empresa Razão - rasão / razão Escusado - excusado / escusado / excuzado</i>
Palavras que apresentam oscilação na GL e apresentam uma só forma na GPLP	<i>Amizade/amizade - amizade Visinho/vizinho/vezinho - vizinho Conclusão/conclusão - concluzão</i>
Palavras que apresentam <z> na GPLP e que passam maioritariamente a grafar-se com <s> na GL	<i>Autorizar - autorisar/authorisar, Caracterizar - caracterisar, civilizado - civilisado, indemnizar - indemnisar</i>
Palavras em que existe variação dentro do mesmo texto	<i>Brazil / Brasil, couza / coisa, demasia(damente)/demazia(damente), frases / frazes, horisontaes / horizontaes, poesia / poezia, preciso / precizo, prosa / proza</i>

Tabela 1: Grafemas <s> e <z> com valor de [z] na GL e na GPLP

⁷ Feijó considera que este nome constitui uma exceção à regra: “Mas *Princesa, e Duquesa* se escreverám com S, porque neste acaba *Duques, Principes* [...]” (Feijó 1781: 104).

2. O uso do <h>⁸

No alfabeto do uso apresentado por Soares Barbosa, não encontramos este grafema. É só quando o gramático apresenta o abecedário vulgar ou tipográfico que ele surge, no entanto o autor aponta-o como uma letra sobeja, “[...] que, ainda sendo signal de aspiração, não deve ter lugar entre as Consoantes, mas sim entre os Accentos Prosodicos, aonde pertence” (Barbosa 1822: 59). Ora, como podemos constatar, mantém-se aqui a tradição de atribuir ao <h> uma função de aspiração.

Efetivamente, no capítulo dedicado às modificações prosódicas, o gramático, para além de indicar os acentos agudo, grave e circunflexo, acrescenta um quarto acento, que corresponde ao espírito áspero dos gregos:

Além destes tres Accentos ha outro de *Aspiração*, que os Gregos notavão ao principio com dois ΕΗ virados hum para outro, ou unidos deste modo Η, e depois com a figura de huma virgula ás avessas, lançada por cima da vogal; e os Romanos com o primitivo H dos Gregos, posto na mesma linha antes da vogal aspirada (Barbosa 1822: 41).

Comparando a língua portuguesa com a castelhana, no caso específico da nossa língua, o autor reconhece que a aspiração é quase inexistente, verificando-se apenas nas interjeições, pois estas palavras caracterizam-se por exprimirem as paixões da alma e, como tal, são as únicas que registam esta marca própria dos gregos:

A Lingua Portugueza differença-se muito nesta parte da Lingua Castelhana, que he abundantissima de aspirações, e por isso se faz algum tanto aspera e fatigante. A nossa não usa dellas se não nas Interjeições, em que são mui proprias para exprimirem o desafoço das paixões, pronunciando com ellas, e escrevendo ás vezes *ah! oh! hui! &c.* (Barbosa 1822: 41).

Feijó, na senda desta antiga tradição, também considera o <h> como sinal de aspiração, acrescentando-lhe ainda as funções distintiva e de letra:⁹

139 Na lingua portugueza necessariamente havemos de dizer, que he letra; porque aquella se deve chamar letra, sem a qual as palavras não ficam significativas, nem são como ellas são. E quem duvida, que se tirarmos o

⁸ A propósito desta “letra”, verificamos que existem propostas muito distintas para a sua utilização. Destacamos, a título exemplificativo, a de Verney, que defendia a supressão total do “h” em todos os contextos, movido por um princípio fonético, que o separa da maioria dos ortógrafos. Numa tendência conservadora, estes manifestam uma ligação à etimologia e também ao uso, o que os separa da linha radical de Verney.

⁹ Como seria expectável, Luís António Verney, por seu turno, condena o uso do <h> tanto como sinal distintivo e igualmente como aspiração, reservando-o para os casos em que efetivamente tem um valor na pronúncia: “Mas, deixando o que fazem os outros, e pasando ao que devem fazer os Portuguezes, digo, que nam devem escrever *h* senam, quando cauza diferente pronuncia, como em *Minha, Diz-lhe, &c.*” (Verney 1746: 23).

H ás palavras, que escrevemos com *Lha, lhe, lhi, lho, lhu*: ou *Cha, che, chi, cho, chu*: ou *Nha, nhe, nhi, nho, nhu*, nenhuma se poderá pronunciar, nem ficará significativa; porque *Chave* sem *H* fica *Cave*. *Tenho, Teno. Linha, Lina, &c.* Mas também ha huma multidaõ de palavras portuguezas, em que usamos do *H* só como aspiraçãõ; e em muitas he preciso, para differença de outras, que sem *H* se equivocaõ, como *E* conjunçãõ, e *He* terceira pessoa do verbo *Est* no portuguez: *Ja*, adverbio; e *Hia*, linguagem do verbo *Ir*, que he *Eo, is; Ibat* elle *hia*, &c.¹⁰ (Feijó 1781: 68).

Na sequência das apreciações acerca da função do <h>, Soares Barbosa tece algumas considerações sobre o uso que na nossa língua se conferia a este grafema, evidenciando as funções identificadas por Feijó e acrescentando mais uma: integrar os dígrafos portugueses <ch, lh, nh>:

Usa porém frequentemente do *H* para outros fins; ja para figurar algumas Consonancias suas proprias, que os Romanos não tinham, quaes são as Prolações *CH, LH, NH*; ja para conservar as etymologias Gregas e Latinas, como em *Hypothese, Homem*; ja para distinguir os sons semelhantes, como *há* verbo de *á* preposição, *hi* adverbio de *i* vogal, e *hum* nome de *um* vogal nasal (Barbosa 1822: 41).

Como já dissemos, este grafema serve para marcar a aspiração, fenómeno que se verifica nas interjeições.¹¹ Ao contrário do que seria considerado regra num texto jornalístico atual, não compatível com a utilização de interjeições, que permitem exteriorizar determinados estados de espírito, na *Gazeta* encontramos estes exemplos que aqui deixamos: “*Oh bom Deos! [...] Oh loucura da sapiencia do seculo! oh delirio! oh insulto da razão! [...] Oh Providencia!*” (*GL*, nº 97, 26 de abril de 1815: [III]). Na *GPLP*, temos também alguns exemplos de interjeições, que surgem sempre grafadas com <h>, tal como acontece ainda hoje com algumas delas: *ah!, hai!, oh!, ah! ah!, hui!*.

Sendo o <h> um carater latino, Soares Barbosa considera que ele deve figurar nas palavras que em latim o continham, de modo a evidenciar a sua etimologia:

Ainda que o *H* não tenha valor algum entre nós fóra talvez das Interjeições, comtudo deve-se conservar na escriptura das palavras, derivadas do Latim para mostrarem a sua origem e com ella sua significação primitiva. Pelo que devemos escrever com elle *Habil, Habitar*,

¹⁰ Feijó acrescenta também que em alguns nomes de origem não portuguesa que terminam em <h> devemos ter em conta a origem da palavra, e por isso, ainda que não haja palavras portuguesas terminadas em <h>, ele apresenta alguns topónimos e antroponimos acabados desta forma, e condena aqueles que propõem a grafia <José> para o nome próprio <Joseph>: “[...] não devemos tirar aos nomes proprios indeclinaveis aquella terminaçãõ, com que passaráõ para o nosso uso, porque sem ella não ficarãõ proprios, nem se saberá, que nomes são [...]” (Feijó 1781: 71).

¹¹ “Nas Interjeições *ah! oh! hui!* ha a razão de serem estas vozes naturalmente aspiradas; para o que he muito proprio o *H*” (Barbosa 1822: 71).

Habito, Haver, Herdar, Historia, Hombro, Honesto, Honra, Horror, Hospede, Homem, Humor, Hora, e outros semelhantes (Barbosa 1822: 71).

Para além das palavras já registadas na citação, nos dois textos, encontramos este <h> etimológico, em contexto inicial, também nas palavras *hoje, homicidas, honestidade, horizontaes* e, em contexto medial, nas diferentes formas dos verbos *abstrahir, comprehender, contrahir, exhortar, extrahir*.

Nos textos estudados, relativamente à função distintiva, encaixam-se as palavras, que, como vimos em Feijó, assim se grafavam para se distinguirem de outras: *hum* (artigo indefinido ou numeral) de *um* (vogal nasal); *he* (verbo) de *e* (conjunção);¹² *hia* (verbo) de *ja* (advérbio). Segundo o gramático, estes casos são exemplos das incoerências da ortografia usual, que não tem em consideração o fenómeno da derivação (cf. Barbosa 1822: 57).¹³

Note-se, no entanto, que na *GL*, embora estas formas grafadas com <h> sejam ainda maioritárias, convivem também os artigos/numerais *um/uma* e a forma verbal *ia*, já sem o <h>, anunciando uma mudança que viria a concretizar-se. A corroborar estes usos, encontramos as palavras do ortógrafo Carlos Augusto de Figueiredo Vieira (1844: 45): “Não deve empregar-se o *h*, onde nem a etymologia nem a pronuncia o reclamam; devemos por tanto escrever sem elle *é, um, uma, ia, ias &c*”.

No que diz respeito à função anti-hiática do <h>, encontra-se nas palavras *cahir, sahir, ahi, bahia, bahu* e serve para evidenciar que as duas vogais em contacto não formam ditongo. Como uma alternativa preferível a este procedimento, a propósito das formas verbais, Soares Barbosa indica o recurso à acentuação, que retiraria as dúvidas:

Porque, se o *h*, com que ora se escrevem, he para separar as duas vogaes em ordem a não fazerem diphthongo, e mostrar que o *i* he longo e agudo; muito melhor fazião isto nossos antigos dobrando o *i*, e escrevendo *Caiir, Saiir*; e nós ainda melhor, accentuando o mesmo *i* deste modo: *Caír, Saír*; e tirando o accentto, quando faz diphthongo no presente do indicativo e do subjunctivo, como *Caio, Caia, Saio, Saia, &c.* (Barbosa 1822: 267).

Nos textos, encontra-se o <h> com a função anti-hiática em palavras como *ahi, cahe, cahem, cahir, cahirão, dahi, sahir, sahissem*, entre outras. No entanto, na *GPLP* verificamos que estas formas convivem dentro do mesmo texto com

¹² A propósito destas duas últimas formas, Verney refere que elas se distinguem facilmente através da acentuação: “O é quando é Verbo, muito bem se distingue do-*e* Conjunsam, pondo-lhe em cima um acento. Nem eu poso intender porque razam é Verbo, deva escrever-se com *h*, e *era, eram &c.* que sam inflexoens do-mesmo Verbo, sem ele” (Verney 1746: 23).

¹³ Para Lima, o <h> pode ter as funções de aspiração e de letra. No caso da palavra *hum*, o ortógrafo considera que se deve grafar com <h> (sinal de aspiração) para preservar o étimo grego, que tinha espírito áspero, ainda que os latinos não o assinalassem (cf. Lima 1736: 87-88).

outras já grafadas sem <h>, de que são exemplo *cae, cair, sae, saem, sair, saindo*. Na *GL*, todas estas formas surgem ainda grafadas com <h>.

Outra função reconhecida ao <h> é como elemento constitutivo dos dígrafos portugueses <ch, lh, nh>, surgindo nos textos em palavras como *choque, China, ilha, Guilherme, Junho, tenho, achar, caprichar, chá, coelho, conselho, escolhido, façanhas, ganhar, linha*.

A propósito do dígrafo <nh>, deixamos uma advertência para os casos em que encontramos a sequência <n+h>, em interior de palavra, que não representa um grafema. Isso é visível nas palavras *inabilitação, inhabilitão, inhabeis, inherente, inhumano, inhumanamente, anhele, anhelava, anhelando*, presentes na *GL*, e *anhomologas, inhabil*, na *GPLP*, resultando da observância do princípio etimológico.

Sistematizemos, de seguida, os dados compulsados acerca dos usos do <h> nos textos.

		<i>GL e GPLP</i>
<h>	Sinal de aspiração	<i>ah!, hai!, oh!, ah! ah!, hui!</i>
	Etimológico	<i>habil, habitar, habito, haver, herdar, historia, hombro, honesto, honra, horror, homem, humor, hora, hoje, homicidas, honestidade, horizontaes</i>
	Sinal distintivo	<i>he, hum, hia</i>
	Anti-hiático	<i>ahi, cahe, cahem, cahir, cahirão, dahi, sahir, sahissem</i>
	Dígrafos <ch, lh, nh>	<i>achar, caprichar, chá, coelho, conselho, escolhido, façanhas, ganhar, linha, choque, China, ilha, Guilherme, Junho, tenho</i>

Tabela 2: O uso do <h> na *GL* e na *GPLP*¹⁴

3. Ditongo nasal [ẽw]

Relativamente à representação da nasalidade nos ditongos, Soares Barbosa descreve os usos habituais, referindo que ela se pode marcar com recurso ao til ou através da sequência de vogal mais consoante nasal, no entanto alerta para alguns inconvenientes que podem advir do uso de vogal e consoante nasal, nomeadamente o facto de se poderem confundir os ditongos nasais com as vogais nasais simples (*pão / pam*) e de o <n> ser colocado fora do lugar no plural dos nomes (*maons / mãos*).

Para representar o ditongo [ẽw], o gramático propõe as grafias <ão, hão, am, aon>. Desta forma, encontramos duas grafias em que a nasalidade é marcada pelo til, <ão, hão>, e outras duas em que é marcada pela sequência vogal e consoante nasal, <am, aon>.

A grafia <aon> serve para marcar alguns plurais das palavras terminadas em <ão>, como *maons* e *saons*, no entanto, segundo o gramático esta grafia tem o

¹⁴ Note-se que não se contempla aqui o uso do <h> nos dígrafos gregos.

inconveniente de colocar a nasalidade fora do lugar, pelo que não é uma forma adotada no seu texto, o que também se verifica na *Gazeta de Lisboa*.

No tocante à representação <ão>, notamos desde logo que o gramático não contempla na *taboa* a sua variante <aõ>, que é recomendada, por exemplo, por Feijó. Por sua vez, esta representação ocorre na *GL*, em palavras como *atenção*, *contribuição*, *execução*, *resolução*. Relativamente à forma <ão>, encontramos nos dois textos em análise: *aspiração*, *atenção*, *canção*, *christão*, *sabichão*, na *GPLP*, e *cão*, *indisposição*, *ponderação*, *procissão*, *punição*, na *GL*.

Tal como em Feijó, esta representação surge, nos dois textos, também associada à formação dos plurais de alguns nomes portugueses em <ão>, que em castelhano terminam em <ano>, “[...] como *Christão Christãos*, *Cortesão Cortesãos*, *Grão Grãos*, *Irmão Irmãos*, *Mão Mãos*, *Orfão Orfãos*, *Orgão Orgãos*, e poucos mais. Os nomes *Benção*, *Cidadão*, e *Villão*, podem fazer de ambos os modos: *Benções*, ou *Bençãos*,¹⁵ *Cidadões*, ou *Cidadãos*, *Villões*, ou *Villãos*” (Barbosa 1822: 135-136).

Relativamente à ocorrência de <ão> em formas verbais, verificamos que, na edição de 1822, é usado nos tempos do presente, do pretérito e do futuro,¹⁶ o que significa que não se recorre à distinção destes tempos através da oposição <ão>, para o futuro, e <am>, para os restantes tempos. Na *GL*, verificamos que a forma do ditongo menos utilizada <aõ> corresponde sempre a um tempo futuro, sem o acento agudo ou circunflexo (*passaraõ*, *poderaõ*, *receberaõ*, *seguiraõ*). Por seu turno, na forma mais frequente <ão>, verificamos que formas verbais com e sem um acento agudo ou circunflexo representam o mesmo tempo verbal, o pretérito perfeito (*quebraraõ/quebrárão*, *procuraraõ/procurárão*), sendo apenas através da análise do seu contexto que conseguimos perceber que a forma não acentuada se trata de um exemplo de pretérito perfeito e não de futuro. Outros casos há em que a forma não acentuada corresponde de facto ao futuro (*regularão*) e a mesma forma verbal com o acento na penúltima sílaba serve para marcar o pretérito perfeito. As únicas formas inequívocas são as terminadas em <áõ>, mostrando ser esta uma palavra oxitona, cuja sílaba tónica é marcada pelo acento no <a> e a nasalidade expressa através do til no <o>, o que nos permite reconhecer estas formas como exemplos de futuro, que abundam: *alistaráõ*, *apresentaráõ*, *combatteráõ*, *conheceráõ*, *ficaráõ*, *sahiráõ*, *trataráõ*.

¹⁵ José Inês Louro aponta esta palavra precisamente como uma das que passou do terceiro grupo (palavras que formam o plural em <ões>) para o primeiro grupo (palavras em <ão> desde o princípio da língua e que fazem o plural em <ãos>): “[...] *bênção* (< *benção*, pl. *benções*) passou para o primeiro (*bênção*, pl. *bênçãos*) por ter deslocado o acento (pois todas as formas em *-ão* átono têm esta flexão) [...]” (Louro 1952: 45).

¹⁶ Na *Gazeta de Lisboa* de 1815, Fontes (2013:132) apenas detetou formas verbais em <ão>, não existindo nenhuma ocorrência em <am>, o que está em consonância com o que acontece no nosso texto de 1822.

A grafia <am> surge, no texto da *GPLP*, associada a três palavras gramaticais, nomeadamente aos advérbios de negação *nam* e de intensidade *tam* e *quam*,¹⁷ o que não se verifica na *GL*.

Das grafias apresentadas por Soares Barbosa para representar o ditongo [ẽw] resta-nos apenas a grafia <hão>, que surge associada ao verbo *haver*, mais concretamente à terceira pessoa do plural do presente do indicativo (*hão*). Na verdade, era frequente associarem-se estas linguagens do verbo *haver* ao futuro na conjugação pronominal reflexa, pois colocava-se a hipótese de estas formas conterem na sua composição este verbo. Neste sentido, a grafia <hão> encontra-se, na *GPLP*, na terceira pessoa do plural do verbo *haver* e no futuro na conjugação pronominal reflexa, do qual apenas temos um exemplo, *louval-los-hão*, pois todas as outras formas surgem grafadas sem <h>, solução que o gramático também previa. Na *GL*, esta representação ocorre em formas verbais como *entregar-se-hão*, *far-se-hão*, *juntar-se-hão*, *nomerar-se-hão*, entre outras.

De seguida, concluímos com a sistematização do uso do ditongo nasal [ẽw] no corpus em análise.

		<i>GL</i>	<i>GPLP</i>
<aon>			<i>maons, saons</i>
<ão / ão> ¹⁸	Em algumas palavras como:	<i>cão, escrivão, indisposição, ponderação, procissão, punição</i>	<i>aspiração, atenção, canção, christão, comunhão, coração, determinação, mão, sabichão</i>
	Formação do plural de algumas palavras em <ão>	<i>benções, cidadãos, Christãos, irmãos, mãos, orfãos, sãos</i>	<i>benções, cidadãos, christãos, cortesãos, grãos, irmãos, mãos, orfãos, órgãos, villãos</i>
	Formas verbais com terminação átona	<i>mandarão, intimarão, procedêrão, reclamarão, respirarão, tiverão, tirarão, votarão</i>	<i>abraçarão, amarão, acharão, andarão, chamão, conduzirão, corram, descobrirão, existirão, lêrão</i>
	Formas verbais com terminação tónica	<i>alistarão, apresentarão, combatterão, conhecerão, ficarão, regularão, sahirão, trarão, tratarão</i>	<i>amarão, amarão, disputarão, entrarão, existirão, lerão, poderão, poderão, serão, servirão, terão, trarão</i>
<am>	Advérbios		<i>nam, quam, tam</i>

¹⁷ Quanto ao advérbio de negação, ele surge apenas duas vezes grafado com <am>, para mais de mil ocorrências com <ão>. O advérbio de intensidade *tam* também ocorre apenas duas vezes (uma delas numa citação de outro autor), estando *tão* presente em sessenta e nove ocorrências. Por sua vez, *quam* ocorre quatro vezes (uma delas também numa citação), não havendo nenhuma ocorrência de *quão*.

¹⁸ Note-se que Soares Barbosa não contempla na sua *taboa* dos ditongos a variante <ão>, ainda que ela ocorra no texto.

<hã>	Formas verbais	<i>hã, entregar-se-hã, far-se-hã, juntar-se-hã, nomerar-se-hã</i>	<i>hã, louval-los-hã</i>
------	----------------	---	--------------------------

Tabela 3: O uso do ditongo nasal [ẽw] na *GL* e na *GPLP*

Considerações finais

Em suma, relativamente às grafias <s> e <z>, usadas para representar o som [z], oscilam constantemente, verificando-se que, nos textos, a escolha de uma ou de outra nem sempre se conforma quer com a etimologia quer com o uso comum. Na verdade, como afirma Castro (2008: 191-192):

Esta confusão de grafias perduraria na escrita do português durante muito tempo, constituindo uma preocupação para ortógrafos e professores de primeiras letras. Camilo Castelo Branco, como mostra nos seus autógrafos, ainda não tinha aprendido as distinções ortográficas pertinentes: no manuscrito do *Amor de Perdição* (1861), aparecem casos de variação como:

rasoens / razoens / rasão
 apesar / apezar
 prizão / prezo / prêso
 resar / rezo
 mêsa / meza

No que concerne ao <h>, quer na *GL*, quer na *GPLP*, ele é usado enquanto sinal de aspiração e sinal distintivo, marca etimológica, função anti-hiática e elemento constitutivo dos dígrafos portugueses <ch, lh, nh>. Note-se que o mesmo pode também integrar os dígrafos gregos <ch, ph, th, rh>, função que não contemplámos na nossa análise, embora possamos avançar que as consoantes aspiradas gregas ainda se mantêm nos dois textos.

O estudo efetuado acerca do ditongo [ẽw] permite-nos concluir que das formas elencadas por Soares Barbosa (<ão, hã, am, aon>) a grafia predominante nos dois textos é <ão>, registando-se em substantivos e nas terceiras pessoas do plural, sejam elas tónicas ou átonas.

A análise e a confrontação da grafia na *Gazeta de Lisboa* e na *Grammatica Philosophica* permitiu-nos identificar marcas ortográficas próprias da época estudada, verificando-se, contudo, uma oscilação de grafias, característica ainda bem presente nos inícios da centúria oitocentista.

Referências Bibliográficas

- Barbosa, Jerónimo Soares (1807): *As duas Linguas ou Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa, comparada com a Latina, Para Ambas se aprenderem ao mesmo tempo*. Coimbra: Na Real Imprensa da Universidade.
- B[arbosa], J[erónimo] S[oares] (¹1822): *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*. Lisboa: Na Typographia da Academia das Sciencias.

- Barbosa, Jerónimo Soares (²1830): *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*. Segunda Edição. Lisboa: Na Typographia da Mesma Academia.
- Barbosa, Jerónimo Soares (³1862): *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*. Terceira edição. Lisboa: Typographia da Academia.
- Barbosa, Jerónimo Soares (⁴1866): *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*. Quarta Edição. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- Barbosa, Jerónimo Soares (⁵1871): *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*. Quinta Edição. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- Barbosa, Jerónimo Soares (⁶1875): *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem*. Sexta Edição. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- Barbosa, Jerónimo Soares (⁷1881): *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Applicados á Nossa Linguagem* Sétima Edição. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- _____⁽⁹⁾(2005): *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa* (1822). Edição anastática, comentário e notas críticas de Amadeu Torres. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa.
- Belo, André (1999): “A *Gazeta de Lisboa* e o terramoto de 1755: a margem do não escrito” In: *Análise Social* vol. XXXIV (151-152). Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1218799295R1gOI5ej4La97VE7.pdf> (consultado em 31 de dezembro de 2014).
- Belo, André (2001): *As Gazetas e os Livros. A Gazeta de Lisboa e a Vulgarização do Impresso em Portugal (1715-1760)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Castro, Ivo (2008): *Introdução à História do Português*. Segunda edição revista e muito ampliada. Lisboa: Edições Colibri.
- Coelho, Sónia (2013): *A Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa de Jerónimo Soares Barbosa: Edição Crítica, Estudo e Notas*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras / UTAD.
- Feijó, João de Moraes Madureira (¹1734): *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo duque de Lafoens*. Lisboa Occidental: Na Officina de Miguel Rodrigues.
- _____⁽³⁾(1781): *Orthographia, ou arte de escrever, e pronunciar com acerto a lingua portugueza para uso do excellentissimo duque de Lafoens*. Lisboa: na Regia Officina Typografica.
- Fontes, Susana (2013): *Gazeta de Lisboa (1715-1716 e 1815): Estudo Informático-Linguístico*. Vila Real: Centro de Estudos em Letras / UTAD.
- Gazeta de Lisboa* (1815) = *Gazeta de Lisboa*, ano de 1815. Lisboa: Na Impressão Regia.
- Gonçalves, Maria Filomena (2003): *As ideias ortográficas em Portugal. De Madureira Feijó a Gonçalves Viana (1734-1911)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia; Ministério da Ciência e do Ensino Superior.

- Kemmler, Rolf / Assunção, Carlos / Fernandes, Gonçalo (2009): “Subsídios para o estudo das Gramáticas Filosóficas de Jerónimo Soares Barbosa (1737-1816)”. In: *Domínios de Linguagem* 6 (ano 3, n.º 2). 202-223. Disponível em <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/11514/6794> (última consultado em 31 de dezembro 2014).
- Lima, Luís Caetano de (1736): *Orthographia da Lingua Portuguesa*. Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca.
- Louro, José Inês (1952): “Origem e flexão dalguns nomes portugueses em -ão”. In: *Boletim de Filologia*. Tomo XIII. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos. 35-65.
- Portugal, Tristão da Cunha (²1856): *Orthographia da Lingoa Portuguesa*. Pariz: Vª J. – P. Aillaud, Monlon e Cª, Livreiros de Suas Magestades o Imperador do Brasil e el-Rei de Portugal.
- Tengarrinha, José (1989): *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. 2ª edição revista e ampliada. Lisboa: Caminho.
- [Verney, Luís António] (²1746): *Verdadeiro Metodo de Estudar*. Tomo Primeiro. Valensa: Na oficina de Antonio Balle.
- Vieira, Carlos Augusto de Figueiredo (1844): *Ensaio sobre a Orthographia Portuguesa*. Porto: Typographia Commercial.
- Williams, Edwin (1991): *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Tradução de Antônio Houaiss. 5.ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.